

---

# AS NARRATIVAS DE INSERÇÃO DOS JOVENS DE BAIXO NÍVEL ESCOLAR<sup>1</sup>

---

Claude Dubar\*

---

*Este texto destina-se a apresentar alguns resultados do tratamento de entrevistas biográficas que se apresentam – por construção da pesquisa – como narrativas de inserção. A primeira parte é consagrada ao método e à apresentação da população implicada, ou seja, jovens de baixo nível escolar, que abandonaram a escola em 1986. A segunda consiste na demonstração de como uma análise estrutural das narrativas e a aplicação de uma tipologia empírica permitem argumentar a selecção, entre as entrevistas recolhidas, de «mundos profissionais».*

## 1. Recolha, transcrição e análise das narrativas de pesquisa: um processo de pesquisa<sup>2</sup>

### 1.1. O contexto de pesquisa

A pesquisa em que se apoia este artigo foi particularmente ambiciosa, visto que visava confrontar análises de «trajectórias biográficas» com dados sobre os «contextos locais e regionais de inserção». Na realidade, o método aplicado não

\* Laboratoire PRINTEMPS, Université Paris VIII

<sup>1</sup> Tradução de Natércia Pacheco e Manuela Terrasêca

<sup>2</sup> As transcrições completas das duas entrevistas estão publicadas em: Demazière D et Dubar C *Analyser les entretiens biographiques. L'exemple des récits d'insertion*, Nathan Coll. Essais et recherches 1997, 105-112; 141-149. Réédition Presses de l'Université Laval 2004

permitiu atingir este objectivo. Com efeito, a preocupação em partir de uma amostra representativa – graças à base de dados da pesquisa de encaminhamento do Observatório de Entradas na vida activa do CEREQ – a par da estreiteza do orçamento da investigação (co-financiada pelo DARES e pelo programa PIRTIEM-ANPE) não permitiu desenvolver análises localizadas debruçando-se sobre sub-amostras significativas de jovens. Para além disso, a repartição dos jovens saídos antes do bac<sup>3</sup> em 1986 e fazendo parte do painel CEREQ não podia assegurar essa representatividade, mesmo seleccionando certas zonas de emprego consideradas significativas. As zonas que, na fase preliminar da investigação, tínhamos previsto ter em conta compreendiam em geral um número de jovens muito insuficiente para que fosse possível retirar daí quaisquer ensinamentos. Só se fizeram as comparações entre as **seis regiões implicadas** o que não permite verificar as nossas hipóteses de partida. Com efeito, o «contexto de inserção» mantém-se uma noção particularmente confusa. As mobilidades múltiplas de numerosos jovens durante estes sete anos são demasiado complexas para que se possa definir «contextos típicos» com um valor explicativo.

## 1.2. As entrevistas como narrativas biográficas

Tendo à volta de 30 jovens por região, foi construída uma sub-amostra, por quotas, de forma a realizar entrevistas aprofundadas, permitindo uma exploração por cada equipa regional. Uma longa preparação destas entrevistas consistiu em definir o modo de acesso dos investigadores aos jovens implicados, o «contrato de comunicação» que era necessário construir com cada um deles e o objectivo comum a todas as pesquisas conduzidas nas seis regiões. A escolha recaiu no princípio das entrevistas **biográficas**, destinadas a fazer com que cada jovem contasse o seu percurso desde a saída da escola até ao inquérito prolongando-o através de uma exploração do futuro. Tratava-se, em princípio, de entrevistas «de tipo não directivo», sendo a questão de arranque, mais ou menos, a seguinte: «Pode-nos contar o que se passou desde a saída da escola, o que é **importante, para si**». Esta fórmula era destinada a (re)apreciar conve-

<sup>3</sup> Bac, redução de *bachelauréat*, que corresponde ao nosso 12º [N I]

nientemente a diferença em relação ao questionário telefónico (o que tinha sido feito, em geral, na altura do contacto telefónico) e a suscitar da parte do jovem uma atitude reflexiva permitindo a elaboração de uma narrativa argumentada. As questões de retoma eram destinadas a «retomar a narrativa» e a permitir uma argumentação o mais desenvolvida possível. O registo no gravador, com o acordo do jovem e todas as garantias de anonimato, devia permitir a transcrição o mais integral possível da entrevista, incluindo as manifestações não verbais mais significativas para o investigador.

Nem todas as entrevistas previstas puderam ser realizadas, mesmo apelando a «substitutos» tendo o mesmo perfil nas variáveis de quotas (sexo, situação no momento do inquérito telefónico, nível de saída da escola). À volta de 15% das entrevistas previstas tiveram que ser abandonadas devido a recusas repetidas ou pela impossibilidade de encontrar os jovens. Trata-se, de forma claramente majoritária, **de jovens – sobretudo raparigas – que se tinham declarado «inactivos(as)»** aquando do inquérito telefónico. Apenas uma proporção bastante fraca – menos de metade – dos jovens previstos, que já não estavam no mercado de trabalho (não inscritos na ANPE, nem em formação, nem em avaliação), pôde ser objecto de uma entrevista. Trata-se de um resultado importante, em si mesmo: a recusa ou a impossibilidade de «falar de si» pode, sem dúvida, ser considerada como um índice de forte marginalização social, com maior frequência designada pelo termo «exclusão». Em compensação, em outras categorias «objectivas», a taxa de entrevistas foi elevada – mais de 90% – e a duração média foi a prevista, ou seja, à volta de uma hora. O uso do gravador quase nunca levantou problemas e o «contrato de comunicação», em geral, foi respeitado. Em compensação, o carácter «não directivo» das entrevistas variou muito. De resto, este depende tanto do investigador como do jovem e não está necessariamente ligado à precisão ou à riqueza das narrativas recolhidas. Algumas «retomas» foram até muito instrutivas. Mesmo quando eram julgados, depois da situação, como muito directivas. O essencial é que não perturbem a «conduta da narrativa» ao ponto de a interromper. Para permitir a análise é condição que todas as intervenções do investigador sejam bem transcritas. A entrevista, mesmo a que aparenta ser mais não directiva é, efectivamente, um diálogo e a forma como uma narrativa oral é «posta em palavras» depende parcialmente do contexto da entrevista e, em particular, das intervenções do interlocutor.

### **1.3. Tratamento das entrevistas: a análise estrutural da narrativa**

A questão do método de análise das entrevistas assim recolhidas constituiu uma das dificuldades maiores do trabalho colectivo. Os autores deste trabalho, tendo aperfeiçoado um método fortemente inspirado nos princípios de análise estrutural de narrativas (Barthes et alii, 1966, 1981), viram-se na impossibilidade de o «processualizar» de forma a permitir um confronto das análises de cada região. É por isso que a experimentação do método foi só por si importante e, finalmente, deu lugar a uma publicação autónoma. Ela parte da hipótese, que demonstrou ser operatória, de que se pode tratar uma entrevista biográfica transcrita como uma narrativa escrita desde que se possa ter em conta factos da interlocução. O princípio de base da análise estrutural segundo o qual toda a narrativa pode e deve analisar-se como integração hierarquizada de «**níveis de descrição**» pode ser aplicado se forem definidos critérios simples e operatórios de pertença a cada um dos «níveis» (**sequências** ou «funções», personagens ou «**actantes**», «**narração**» ou **argumentos**). A hipótese segundo a qual toda a narrativa tem subentendido um **discurso** argumentativo que lhe dá sentido, pode ser testada logo que se possa descobrir, de forma indutiva e operatória, a estrutura comum às «funções» (sequências), aos «actantes» (personagens) e às «proposições argumentativas» (narração). O princípio de análise é simples: diremos que se pôs a descoberto a «lógica argumentativa» que uma narrativa subentende, se pudermos demonstrar a existência de uma ou várias «**homologias estruturais**» – ou seja, de correspondências entre as relações que estruturam e definem o sentido – entre os três níveis anteriormente distinguidos. Se uma narrativa utiliza os mesmos **tipos de disjunções e de conjunções** (a que, por vezes, se chama oposições/co-relações) para significar o seu desenvolvimento (nível das sequências), caracterizar as suas personagens (nível dos actantes) e argumentar o seu discurso (nível da narração), pode-se induzir que esta estrutura é realmente a da lógica da narrativa em análise e que pode ser formalizada através de um **esquema** operatório. Este esquema deve representar simultaneamente a arquitectura das categorias estruturantes, a sua «**ordem categorial**» e a selecção das proposições mais essenciais do discurso argumentado, o seu «**universo de crenças**». Ele constitui uma formalização esquemática da lógica do discurso que está subentendida na narrativa.

Para além das variações de vocabulário, este método de descrição estrutural parece-nos constituir uma aquisição da semântica que pode ser utilizada para formalizar o sentido das entrevistas biográficas, se puderem ser transcritas como narrativas, mesmo quando são fortemente dialogadas (por causa das intervenções do investigador) Trata-se de **descrever** os termos utilizados para «dizer» as etapas do seu percurso, os Outros que intervêm e as razões apontadas para justificar cada um dos acontecimentos marcantes. Tendo em conta que cada unidade de sentido é diferencial e integrativa, é necessário **restabelecer** em seguida as disjunções (eixo sintagmático) e as conjunções (eixo paradigmático), que asseguram o sentido considerado como o mais estruturante de cada um destes níveis. É aqui que se torna necessário um ponto de vista sobre a narrativa para separar o essencial do acessório, **escolher** o campo das significações pertinentes. O nosso ponto de vista sociológico consistiu em privilegiar a ordem das categorias socioprofissionais e as crenças relativas ao trabalho. O esquema das entrevistas permite, enfim, **formalizar** a estrutura comum aos três níveis, do ponto de vista precedente. Apresenta-se portanto como o **campo semântico** dos termos utilizados, de forma diferencial e integrativa, para falar da vida «social e profissional» e o **quadro das «crenças»** de base relativas ao trabalho.

É certo que este trabalho de análise é longo, mas não mais do que as outras técnicas de análise de conteúdo, de léxico ou de discurso existentes no mercado da pesquisa. Apresenta como vantagem manter-se «próximo do texto» e poder dominar o sentido das sucessivas operações de **redução de uma entrevista ao seu esquema**. Tem como inconveniente não ser totalmente esotérico e implicar uma escolha entre os lexemas mais frequentes. Implica uma definição prévia dos termos entrando na composição de campo determinado e dos tipos de proposições que constituem as crenças relativas a este campo. De resto, é possível ter em conta simultaneamente vários campos como por exemplo o campo profissional e o campo familiar ou afectivo, nas narrativas de inserção dos jovens. Se privilegiámos o primeiro, sem por isso podermos dispensar o outro é porque o «contrato de comunicação» se tinha estabelecido à volta das questões do emprego (os investigadores apresentavam-se como estando ligados ao CEREQ). Portanto, era coerente ligar as escolhas de análise aos contextos da entrevista e à ancoragem institucional da pesquisa.

#### **1.4 A tipologia empírica**

O último momento do percurso consistiu em repartir os esquemas de entrevista num conjunto limitado de «pilhas» segundo o método de agregação à volta de **unidades-núcleos**, ou seja, esquemas particularmente significativos, pondo em evidência lógicas argumentativas, particularmente coerentes. As entrevistas suportes destes núcleos foram objecto de análises minuciosas que permitiram **diferenciar e nomear** os «**mundos profissionais**» (ordens categoriais e universo de crenças, no campo profissional) que estruturavam o seu discurso. A operação essencial desta última fase consiste, portanto, em reagrupar esquemas com base na sua lógica comum e caracterizar esta de forma convincente. A decisão de agregar um esquema a uma «pilha» existente ou criar uma nova «pilha» depende da possibilidade de a ligar ou não a um **esquema comum** e de lhe dar um nome. É uma decisão particularmente delicada e põe em jogo a interpretação das lógicas mais típicas que intervêm nas unidades-núcleos. Estas reenviam a espécies de **narrativas-tipos** que desempenham o papel de «atractores» lógicos para os outros esquemas. Por isso é particularmente importante explicitar os traços distintivos do seu discurso e justificar a denominação de que são objecto. Lembremo-nos de que se trata realmente de dar um nome às estruturas de narrativas e não de etiquetar pessoas pondo-as em gavetas. A análise estrutural deve ajudar a ancorar estas denominações na materialidade da linguagem e nos processos de produção de sentido.

#### **2. Dois dos quatro «mundos profissionais» estruturando as narrativas de inserção**

Partiremos das narrativas que forneceram as «unidades-núcleos» da nossa tipologia indutiva e dos seus esquemas formalizando os «mundos profissionais» a que se referem. Justificaremos, em seguida, a razão pela qual agregámos outros esquemas de narrativas à volta destas unidades de base. Tentaremos mostrar as escolhas efectuadas e os problemas que levantam.

Não podendo publicar as entrevistas transcritas no quadro deste artigo, optámos pela apresentação de extractos de sequências (S), actantes (A) e pro-

posições argumentativas (P) que nos permitiram analisar as estruturas semânticas mais importantes. Explicitaremos, em seguida, as homologias estruturais entre estes três níveis de análise antes de mostrar a que tipo de esquema conduzem e as denominações a que chegam e que são, além disso, explicitadas.

A apresentação dos outros esquemas de entrevistas ligados a cada uma destas unidades será reduzida ao máximo: insistiremos nos problemas mais delicados e nas alternativas possíveis.

### **2.1 O mundo dos ofícios e da independência: Luc quer estabelecer-se por conta própria**

A entrevista que nos forneceu a primeira unidade-núcleo é a de um jovem de 23 anos, na altura do inquérito, sem diploma, a que chamaremos Luc, que mora numa comuna da Bacia Mineira do Norte-Pas de Calais e que abandonou a escola, em 1986, após um primeiro ano de CAP de ajustador. Passou os primeiros anos da sua vida activa alternando um estágio, três contratos de trabalho de curta duração, o serviço nacional, períodos de desemprego e de inactividade e actividades de trabalho não declarado, a que chama os seus «chantiers». Na altura da entrevista, Luc está sem emprego, mas realiza trabalhos menores de construção, em casa de particulares. Habita em casa do pai, que se voltou a casar após o falecimento da mãe. O pai é operário de fábrica e trabalha, há perto de trinta anos, numa grande empresa de mecânica. O seu meio-irmão é estudante e ocupa um estúdio na cidade universitária, a quarenta quilómetros. A entrevista de Luc durou perto de uma hora.

#### **2.1.1. As sequências da narrativa de Luc: nada/tudo**

A forma como Luc descreve o seu percurso ao investigador consiste em partir, a seu pedido, da sua situação presente (codificada S+) que ele define através de duas fórmulas sucessivas: «*Eu trabalho*» (4ª unidade do 1º segmento) e «*Visto que não tenho trabalho fixo, é preciso, mesmo assim, que ganhe a minha vida, como se costuma dizer*» (1ª unidade do 2º segmento). Após ter descrito longamente as suas actividades, a que ele chama «biscates» e de ter explicado ao investigador por que razão «*a vida não é fácil*» (1ª unidade do 1º

segmento) conta o seu percurso escolar e pós-escolar utilizando as seguintes fórmulas (extractos):

S0 = «a escola e tudo, não corria bem, eu não fazia nada»

S1 = «o estágio, não se aprendia nada. faz-se isto, não se tem nada, não quer dizer nada»

S2 = «os chantiers, é electricidade, canalização, pintura Tudo aprendi todos os ofícios com estes chantiers»

S3 = «o meu primeiro contrato de trabalho ao fim e ao cabo, nunca tive nada»

S4 = «estava à espera de ver. desta vez, é o fim de tudo» (2º insucesso)

S5 = «dava uma mãozinha ao meu vizinho» (chantiers)

S6 = «uma substituição numa fábrica . os outros regressam e tu sais E não há que dizer»

S7 = «em 90 foi o mesmo também não fiquei Não há mesmo nada a fazer»

S8 = «A tropa . resultado, não tenho nada nas mãos»

S9 = «Mesma coisa em 91 não consegui nada»

S10 = «O ano passado a fazer nada e depois a não saber que fazer»

S+ = «Trabalho num apartamento a fazer todas as pinturas e a colar os papeis São três semanas de trabalho É dinheiro para viver»

Este extracto do agrupamento das sequências da narrativa segundo uma convenção facilitando a comparação das entrevistas (de S0 na escola a S+ na entrevista) mostra que, com uma única excepção (S5), Luc utiliza as palavras



«nada» ou «tudo» (ou as duas) para falar de cada etapa do seu percurso. Que significa, realmente, esta oposição? Para responder é preciso analisar as conjunções entre as unidades de sentido comportando esta disjunção nada/tudo e encontrar a ou as categorias subjacentes (o exemplo frequentemente utilizado pelas semânticas é o seguinte: a expressão «é uma mulher» não tem sentido, enquanto não descobriremos se ela entra numa disjunção com «não é um homem» ou «já não é uma menina», no primeiro caso a conjunção das duas fórmulas impõe a categoria de sexo, na outra a da classe de idade ) Eis os elementos de análise.

- na escola, eu não **fazia** NADA / com o meu vizinho, eu **fazia** TUDO
- no estágio, não se **aprendia** NADA/ com o meu vizinho **aprendi** TUDO
- no primeiro contrato na fábrica, não **tive** NADA/ chantiers, **dinheiro** para viver
- a tropa, não tenho NADA **nas mãos**/ com estes chantiers electricidade, canalização, pintura TODOS **os ofícios**

A análise lógica chega a equações simples:

NADA = escola + estágios + substituições + tropa

NADA = sem dinheiro + nada feito + nada aprendido + nada nas mãos  
(sem ofício)

TUDO = chantiers = dinheiro para viver + coisas para fazer + ofícios aprendidos

Podem-se sintetizar assim:

TUDO/NADA=CHANTIER/ESCOLA/ESTÁGIOS-TRABALHOS= OFÍCIO/não OFÍCIO

É a primeira «descrição-condensação» ou «descrição semântica» (Greimas) que só diz respeito às seqüências da narrativa de Luc. Ela mostra uma partição entre todas as situações em que Luc considera que não fez nada. Não teve nada, não aprendeu nada e as situações – os chantiers, com o vizinho ou só –

em que teve dinheiro, fez alguma coisa aprendeu ofícios Dinheiro para viver, coisas a realizar com as suas mãos e uma aprendizagem a monte introduz-nos no «mundo» dos ofícios artesanais, dos saberes-fazer, das pequenas empresas de construção e do artesanato

### 2.1.2. Os actantes da narrativa de Luc: igual/não igual e melhor/pior

Cinco personagens principais intervêm na narrativa de Luc: o irmão (A2) que está na universidade, o pai (A4) que trabalha na fábrica, a namorada (A3) que faz trabalhos temporários, o vizinho (A5), que lhe ensinou tudo e . ele próprio (A1) que ele interroga, várias vezes, como se fosse diferente do autor da narrativa Uma oposição é frequentemente utilizada:

A2 = «o meu irmão, não é igual . está na universidade depois poderá ver o que fazer e tudo isso»

A3 = «o pior é a minha namorada, porque ela, é igual, ela queria, ela gostava que eu tivesse um trabalho para se instalar e tudo, pois»

A4 = «o meu pai, ele, é igual, não esteve na escola para ele, é preciso é encontrar um bom lugar numa boa fábrica»

A5 = «o meu vizinho, lançou-me no ofício. . tenho a certeza de que, sem ele, não seria igual com ele, é **melhor**, consegui lá chegar».

A oposição **igual/não igual** reenvia, na narrativa de Luc, para duas categorias diferentes Por um lado, «iguais» **a ele** são aqueles que não têm diploma (como o pai, mas também o vizinho .) e «não iguais» aqueles que têm um diploma e podem «ver o que fazer» (como o irmão, mas também a namorada de quem ele diz: «*mesmo assim, ela tem o seu BEP*») Por outro lado, estão situados na zona do «igual», **como antes** aqueles que queriam que ele encontrasse «um lugar» (como o pai e a namorada) e do lado «não igual» aquele que o lançou no ofício e lhe permitiu lá chegar (o vizinho) Combinando estes dois sentidos, consegue-se perceber o sentido da oposição **pior/melhor** que se refere ao pai minha namorada/meu vizinho

IGUAL/NÃO IGUAL (a mim) = PAI+VIZINHO / IRMÃO+NAMORADA

IGUAL/NÃO IGUAL (como antes) = PAI+ NAMORADA / VIZINHO

MELHOR/PIOR=IGUAL (como eu) +NÃO IGUAL (como antes)/NÃO IGUAL (como eu)+IGUAL (como antes) = MEU VIZINHO/MINHA NAMORADA

### 2.1.3. Os argumentos da narrativa de Luc: fácil/não fácil

Depois da verificação do «contrato de comunicação» com o investigador, a entrevista de Luc começa por estas palavras: «*A vida, não é fácil*». Será preciso um certo tempo e duas retomas para que Luc precise: «*Para uma pessoa, instalar-se não é fácil*». Trata-se de se instalar com a namorada que «*preferia instalar-se primeiro e depois casar-se*». Mas, «*para se instalar*» com ela, Luc tem que acabar com os seus chantiers e «*ter um trabalho*». Sem nenhum diploma e depois das experiências que teve na fábrica, Luc sabe que «*não é fácil*». E é aí que intervém o vizinho e esta fórmula inesperada: «*Para mim, a minha pequena empresa para montar as antenas ou o cabo, bem que me agradava mas é preciso lançar-se*». Ele vai retomar e desenvolver este argumento, como resposta às várias retomas para que fale sobre o futuro

Questão: *Então como vê que as coisas se vão passar?*

Resposta: *O que quero, é ser **patrão de mim mesmo**. Mas não se pode sonhar.*

Questão: *Discute um pouco tudo isto com a família ?*

Resposta: *Com o meu irmão, nem por isso, não se pode dizer. Quanto ao meu pai, esse, o que quer é que eu arranje trabalho. Com o meu vizinho, gostávamos mesmo de nos instalarmos para termos **o nosso próprio negócio**, mas não é fácil de aguentar. Instalarmo-nos, podemos, quero dizer, podemos tentar. mas depois aguentarmo-nos, é o mais difícil.*

Questão: *O que quer dizer «fazer as coisas de outra forma»?*

Resposta: *Bom, digamos, o sonho é ter o **nosso negócio**, mas não se pode sonhar, apesar disso, não sei se é possível uma coisa assim. dantes, bom,*

*sonhava-se, dizíamos que era bom termos uma coisa nossa Mas não se pode estar a contar muito com isso*

A análise das formulações sucessivas do «projecto» de Luc faz-nos passar da «minha pequena empresa» que não é fácil «lançar», ao «patrão de mim mesmo» que é um «sonho», ao «nosso negócio» (do meu vizinho e meu) que é difícil «aguentar» e, enfim, «a uma coisa nossa», com a qual não se pode contar demais. Do «não fácil» o argumento desliza até quase impossível. Pôr-se por conta própria, **instalar-se com o vizinho**, é todavia isso que Luc queria. É isso que considera um «verdadeiro trabalho». É o centro do seu universo de crenças, mas «não é fácil» e, talvez, seja quase impossível. **Instalar-se com a namorada** também não é fácil visto que deve encontrar um «verdadeiro lugar» e não tem diploma nem há mais empregos nas fábricas da zona. Também aqui, à medida do desenrolar da narrativa, a argumentação passa do «não fácil» ao quase impossível. Mas também não é com isso que ele sonha. O que é fácil, diz Luc, é encontrar trabalhos temporários mas «isso não me interessa». De «fácil» e «interessante» só sobram os chantiers. Mas eles significam **não se instalar**. A intriga da narrativa de Luc pode formalizar-se assim:

FÁCIL/NÃO FÁCIL=TRABALHO TEMPORÁRIO ou CHANTIERS/  
VERDADEIRO LUGAR OU NEGÓCIO

FÁCIL=CHANTIERS (Trabalho clandestino) ou TRABALHO TEMPORÁRIO  
(biscates)=POSSÍVEL

NÃO FÁCIL=NEGÓCIO (verdadeiro trabalho) ou LUGAR (verdadeiro  
emprego)=quase IMPOSSÍVEL

INSTALAÇÃO (vizinho)=NEGÓCIO NOSSO= SONHO  
INSTALAÇÃO (namorada)=VERDADEIRO LUGAR= UTOPIA (ou IDEAL)

FÁCIL/NÃO FÁCIL=NÃO SE INSTALAR/INSTALAR-SE=  
POSSÍVEL/IMPOSSÍVEL

SONHO/UTOPIA=INSTALAR-SE (vizinho)/INSTALAR-SE (namorada)=  
MELHOR/PIOR

### 2.1.4. Homologias estruturais e esquema da narração

Pode-se ver concretamente, aproximando as três análises precedentes o que cobre a noção-chave de homologias estruturais entre os níveis Tudo está para Nada, como Melhor está para Pior e como Instalar-se com o seu vizinho está para Instalar-se com a namorada Ou ainda a experiência dos «chantiers» com o «meu vizinho» e a perspectiva de «Se instalar com ele» para ter «o nosso negócio» opõe-se às exigências da «minha namorada» (como às do «meu pai») de encontrar «um lugar» para poder «instalar-se com ela» O «mundo» de Luc organiza-se positivamente à volta do **sonho de independência** que é também a valorização do «**ofício**» permitindo ter um dia o seu «**negócio**» Organiza-se também negativamente, à volta da rejeição do «trabalho na fábrica», como «pequenos trabalhos» (trabalhos temporários) que combinam a dependência salarial com a instabilidade sofrida. As duas metades do mundo têm a sua face «fácil» e «não fácil» É fácil, na primeira, continuar com os «chantiers», tal como também é «fácil», na segunda, aceitar trabalhos temporários Não é fácil ter o «seu negócio», nem encontrar um «verdadeiro lugar» conforme o esquema (simplificado) seguinte:

#### ESQUEMA n° 1

#### MUNDO PROFISSIONAL dos OFÍCIOS e da Independência

<b>TRABALHO INDEPENDENTE</b>	<b>TRABALHO ASSALARIADO</b>
<p><b>Ganhar dinheiro</b> <b>Fazer (fabricar)</b> <b>Aprender fazendo</b></p>	<p><b>Não ganhar grande coisa</b> <b>Não fazer realmente nada</b> <b>Aprender na Escola (estágios)</b></p>
<p>Sonho      <b>NEGÓCIO</b></p>	<p><b>VERDADEIRO LUGAR</b>      Ideal <b>FÁBRICA</b></p>
<p>Possível      <b>TRABALHO CLANDESTINO</b> (Chantiers)</p>	<p><b>BISCATES</b> (Trabalho temporário)      Fácil</p>

## 2.2. O mundo dos empregos qualificados e não qualificados: o luto de Sophie

A segunda entrevista que nos tem servido de unidade-núcleo é a de Sophie que tem um dos mais elevados níveis de escolaridade da nossa amostra (Luc tem um dos níveis mais baixos) já que ela obteve o Bac G1 fazendo, ao mesmo tempo legitimamente, parte da amostra dos jovens que em 1986 tinham saído com escolaridade abaixo do bac (ela só obteve o diploma no ano seguinte por causa de um erro administrativo). Sophie vive numa pequena localidade de Vendée, onde trabalha como operária num matadouro. Tem um filho e está à espera do segundo. Vive com o 'companheiro em casa dos pais dele, perto do seu local de trabalho. Contrariamente à de Luc, a entrevista de Sophie, que durou perto de uma hora, foi bastante tensa, e a investigadora teve que «reiniciar» por cinco vezes uma narrativa que parecia em vias de terminar.

### 2.2.1. A estrutura das sequências: «fiz»/«arranjei»

Sophie conta o seu percurso em cinco sequências (codificadas S, S', S''), acrescentando detalhes e episódios. O ponto comum entre elas reside numa disjunção entre «fiz» (biscates) e «arranjei» (um trabalho, aqui). Eis um excerto das frases em causa:

- S1 = «Desde 87, fiz pequenos trabalhos, quando sai da escola, não é»
- S+ = «depois arranjei aqui, na Vendée»
  
- S'0 = «Fiz o Bac G1 e depois fiz um ano Pigier de processamento de texto»
- S'1 = «depois, quer dizer, conheci o meu companheiro e como havia aqui um trabalho, fui eu que vim para aqui, que vim para o pé dele»
- S'+ = «então, quer dizer, depois encontrei trabalho, aqui, quer dizer, aqui, a trabalhar»
  
- S''1 = «Depois do Pigier, acabei em 86, e fui para as vindimas»
- S'2 = «Fiz coisas deste género»
- S'+ = «depois, quer dizer, arranjei aqui trabalho, este, que faço actualmente»

- S<sup>1</sup> = «Eu tive, hum . quer dizer um período de desemprego»
- S<sup>2</sup> = «Eu estive um ano como TUC num jardim de infância»
- S<sup>3</sup> = «Hum sim, estive mesmo um ano como TUC»
- S<sup>4</sup> = «porque encontrei um SIVP nessa altura»
- S<sup>5</sup> = «Depois, fui para as vindimas»
- S<sup>6</sup> = «Então, arranjei um ou dois meses de desemprego»
- S<sup>7</sup> = «Depois, dei comigo aqui, para a época»
- S<sup>8</sup> = «Depois ainda tive um tempo de desemprego»
- S<sup>9</sup> = «e, depois, estive uma época num hotel, aqui»
- S<sup>10</sup> = «no Inverno seguinte, arranjei aqui, na empresa onde estou actualmente»

O que significa esta disjunção entre «**fiz**» («biscates», «Pigier», «as vindimas», «coisas deste género», «uma época» ) e «**arranjei**» (trabalho, aqui)? A que conjugação reenvia? Qual é a categoria implicada? Para efectuar a análise com rigor é necessário introduzir um terceiro termo: «**tive**» que se aplica nomeadamente aos períodos de desemprego que não intervêm nas primeiras versões da narrativa. É significativo que Sophie queira, em cada uma das versões sucessivas do seu percurso chegar, o mais rapidamente possível, ao «**arranjei**», a ponto de a primeira versão não comportar senão uma única sequência intermédia entre escola e emprego, a dos «biscates», em geral.

Sophie diz, aliás, explicitamente («tive muito pouco desemprego, de facto») e explica mesmo que ela deixou um TUC apesar de lhe agradar porque tinha «**arranjado**» um SIVP o que lhe permitia não arriscar «**ter**» desemprego. É necessário, por conseguinte, considerar duas relações diferentes:

- «**fiz**»/«**tive**»=**biscates/desemprego**
- «**tive**»/«**arranjei**»=**desemprego/(verdadeiro) trabalho**
- «**fiz**»/«**arranjei**»=**biscates/(verdadeiro) trabalho**

Observemos, para completar esta análise das sequências, que a categoria (**verdadeiro**) **trabalho** que se opõe, ao mesmo tempo, a desemprego (não

trabalho) e a biscates (falso trabalho) é associada quase sempre, na narrativa de Sophie a «**aqui**» que só progressivamente ganha sentido na sua narrativa (nomeadamente quando ela diz: «aqui, não há nada»). É necessário também notar as sucessivas expressões empregues, a partir da primeira versão da narrativa (primeira resposta à investigadora), e que distinguem «arranjar» de «arranjar outra coisa procurando verdadeiramente».

- S1+ = «e então, arranjei trabalho num matadouro de codornizes que, verdadeiramente, não me interessa»
- S2+ = «porque, bem, não encontrei mais nada»
- S3+ = «Será que procurei, verdadeiramente, não sei, mas sei que não encontrei verdadeiramente»
- S4+ = «Estou aqui desde há cinco anos»
- S5+ = «e, hum um trabalho em que os meus estudos não me servem rigorosamente para nada»

**«fiz»/«arranjei» = «biscates»/«trabalho. Aqui, sem interesse nem relação com os estudos»**

**«arranjei»/«não arranjei verdadeiramente» = «trabalho aqui sem interesse»/«trabalho alguns interessante»**

O (verdadeiro) trabalho que ela arranjou, mas não «arranjou verdadeiramente», quer dizer, sem verdadeiramente procurar, é triplamente qualificado por Sophie: é «aqui», não «lhe interessa» (verdadeiramente) e não tem «nenhuma relação com os seus estudos». A que outro «trabalho» se opõe? Qual é este «trabalho» noutra lugar, interessante (e ligado aos estudos), que as palavras da narrativa de Sophie implicam?

### **2.2.2. A estrutura dos actantes: os que vencem/falham**

Entre os personagens que intervêm nas sucessivas narrativas de Sophie, os que compõem a **sua fratria**, o irmão e as três irmãs, e que são codificados (A3), são particularmente importantes. Desde logo, porque, tentando explicar a sua orientação escolar para o secretariado, diz: «*Tinha duas irmãs que fizeram o curso de secretariado*». Seguidamente, porque o próprio modo como fala do



«irmão e irmãs» mostra que eles constituem efectivamente o seu grupo de referência, aquele com se compara e que lhe atribui a sua posição subjectiva na hierarquia dos empregos:

- A31 = «*Tinha duas irmãs que fizeram o curso de secretariado*»
- A32 = «*Sou a última . sou a quinta, a última dos cinco*»
- A33 = «*Tenho uma irmã que trabalha num gabinete especializado mas ela é . hum secretária de direcção que é . portanto, hum . pois, um BTS estudos superiores*»
- A34 = «*Tenho uma irmã que fez um bac G3 depois um IUT mas que se reconverteu . enfim, agora é professora primária durante a licença de parto fez uma formação .* »
- A35 = «*uma outra irmã está na costura*»
- A36 = «*e tenho um irmão que trabalha num gabinete de estudos . quer dizer, tem o Bac mais dois .* »
- A37 = «*portanto, a minha irmã e eu, somos duas em cinco a ter só o bac*»
- A38 = «*eu sou a única, mesmo assim, que não teve . tanto sucesso assim*»
- A39 = «*mesmo assim, as minhas irmãs que estão na Região Parisiense por razões profissionais que . hum . agora estão têm a vida delas em Paris*»
- A310 = «*está a ver, quer dizer, hum . todas elas têm uma situação*»

O inventário feito por Sophie das «situações» do irmão e irmãs começa por distinguir aqueles (aquelas) que «trabalham» ou «está num» («um gabinete, um gabinete de estudos, na costura») das que «são» («secretária de direcção, professora primária») Combina esta distinção com a do nível de diploma (Bac mais dois/só o Bac) Esse inventário conclui-se acrescentando uma disjunção final

entre as que «têm a sua vida em Paris» e a que «tem a sua vida, «aqui». Não fazendo mais do que «trabalhar em » (uma fábrica!), não tendo senão o bac», e tendo a sua vida «aqui», Sophie é, por conseguinte, «a única que não teve sucesso» ou «não teve tanto sucesso assim» (evitou o desemprego ). Pode-se descobrir assim a categoria que chamaremos «trabalho qualificado» e que Sophie designa como «ter uma situação»:

- Trabalhar ou estar em/Ser qualquer coisa=2 Irmãs/Eu e 2 outros
- Ter o Bac mais 2/Ter só o Bac= Irmão e 2 Irmãs/A minha irmã e eu
- Ter a sua vida em Paris/Ter a sua vida «aqui»= As minhas irmãs/só eu
- Ter sido bem sucedida profissionalmente/Não ter tido tanto sucesso assim=A minha fratria/Eu

**A minha fratria/Eu = Situação/sem situação = Trabalho qualificado/  
/Trabalho não qualificado**

### 2.2.3. A estrutura da argumentação: construir/construir-me

Graças às retomas da investigadora, as sucessivas narrativas de Sophie acabam por desembocar em futuros possíveis e desejáveis para ela. A primeira narrativa já tinha evocado, de maneira alusiva e por uma frase não terminada (P1), o facto «de tentar fazer formações». Mas os argumentos que demonstram à sua interlocutora que esta formação não lhe serviria para nada, para o seu trabalho, aqui, foram-se acumulando: a não possibilidade de promoção no seu emprego, impossibilidade de perspectivar passar a um posto de secretariado, inutilidade em esperar melhores condições noutras empresas, aqui (é nesta ocasião que a Sophie resumiu a sua situação: «aqui, não há nada»). A terceira narrativa retoma a menção da veicidade de «procurar» outra coisa, não «fechar neste nível» mas ainda é situada explicitamente no passado, antes que Sophie «fique» uma primeira, depois uma segunda vez «grávida»:

- P1 = «A certa altura eu dizia para mim mesma que era preciso tentar fazer formações, amontoar, pois! **repartir um pouco**... depois, bem . pfff »

– P<sup>1</sup> = «*Eu sei que houve uma época em que eu queria mesmo procurar, como dizer, **não é preciso ficar** fechar-me neste nível, não é nada depois, feitas as contas fiquei grávida do meu primeiro filho, agora vem o segundo*»

O fim da entrevista evoca, precisamente a propósito de uma retoma sobre o nascimento do futuro bebé, aquilo que Sophie designa primeiramente como «*uma coisa bastante simples*» e seguidamente como «*uma coisa bastante tola*» e por último «*uma coisa bastante clássica*» e que consiste em «*ter um dia a minha casa*» (primeira formulação) seguidamente «*ter um dia a nossa própria casa*» (segunda formulação) depois «*ser proprietária*» (terceira formulação) e por último «*para me construir qualquer coisa minha*» (última formulação) Após um último incidente sobre a eventualidade de se casar porque «*no dia em que formos construir, isso vai ser mais interessante a nível dos bancos*», a entrevista termina com uma argumentação sobre a vantagem de estarem, um e outro a 500 metros do trabalho, e que termina por: «*pois, não vamos construir noutra lugar, pronto. não vejo mais o que vos dizer*». Desta vez a entrevista terminou realmente

A análise de todas as ocorrências de aparecimento do significante «**construir**» evidencia uma estrutura de argumentação que, relacionada com todos os segmentos da entrevista que se referem ao futuro de Sophie, permite supor um «**trabalho de luto**» de qualquer possibilidade de progressão ou de mudança profissional. A primeira parte desta argumentação desagua, com efeito, numa crença muito apoiada sobre factos precisos: «**aqui, não há nada**», o que significa nenhuma oportunidade de melhoria da situação profissional de Sophie. Qualquer perspectiva implica, por conseguinte, «partir para outro lugar». O que é que se lhe opõe? A resposta é a dois níveis: em primeiro lugar «o meu companheiro» e o trabalho dele, aqui, que «lhe agrada imenso» para o qual «fez, expressamente, uma formação agrícola» e «de que ele gosta mesmo, pelo contrário». Seguidamente e, sobretudo, esta «casa própria», esta «*uma coisa bastante tola, bastante simples, bastante clássica*» que **não** «*vamos construir noutra lugar*» (primeira e última vez que esta expressão aparece). É esta «coisa» que, numa passagem importante, é apresentada por Sophie como sendo o que dá o sentido ao seu trabalho que ela descreve demoradamente como mal pago,

penoso e sem futuro. Este sentido tem esta fórmula tão difícil de exprimir (hesitações, incidente retornando à pergunta): «**construir para mim qualquer coisa minha**». Enquanto que noutros lugares Sophie utiliza sempre a expressão «fazer construir», associada a um «nós» ou a um «a gente» tendo valor de «nós», ela diz aqui «construir-me». É este o conjunto do segmento em causa:

- Questão: *Então o objectivo é fundar, enfim, já começou a continuar.*

- Resposta: *Sim, sim, é uma coisa bastante simples, nós esperamos aqui somos inquilinos, mas esperamos ter a nossa casa, uma coisa bastante tola, mas, enfim, é isto*

- Questão: *Porquê tola?*

- Resposta: *Não! Quero dizer bastante clássica, não quer dizer bastante tola, eu estou muito feliz, espero bem um dia ter a minha casa, por isso, estou contente por estar grávida de uma segunda criança. Não, não é bastante clássico é o que eu quero dizer. Eu trabalho talvez numa coisa que não é formidável mas pelo menos põe-se dinheiro de lado na esperança de termos um dia a nossa casa, de sermos proprietários. Espero bem que talvez em dois anos possa estar numa casa minha, pronto. Por isso, o futuro é assim que o vejo. Você pergunta-me isso a todo o momento o que é que para mim trabalhar. O.K! mas para me construir alguma coisa para mim, sim isso, em contrapartida, espero bem, a gente amarra-se nessa perspectiva*

Quer se interprete ou não a fórmula como um lapso, «construir-me para mim» em vez de «mandar construir para nós» não pode ser totalmente desprovido de significado subjectivo para Sophie. Como é que esta «**casa, aqui**», «**não noutro lugar**» se pode ligar a esta esperança passada de «**repartir um pouco**», «**não se fechar em**» que estruturava a primeira argumentação? Como não a interpretar como o resultado de um doloroso trabalho de luto de «**construção de si**», num e através de um trabalho profissional qualificado, uma «situação» como as suas irmãs, que ela por fim teria realmente encontrado, noutro lugar, em proveito de uma coisa «bastante tola» mas que significa certamente «ser pro-

prietária» mas que significa também fechar-se aqui, num trabalho «bastante tolo» e «**construção de uma casa própria**». Este último «**própria**» é um «**para nós**» de que Sophie deve, doravante, esperar todo o sentido da sua vida

#### 2.2.4 Esquema simplificado das sucessivas narrativas de Sophie

Contrariamente à de Luc, a entrevista de Sophie não se estrutura pela oposição de um universo dos «ofícios» e dos «negócios» que é **tudo** e de um universo do assalariado comum e degradado que não é **nada**, mas por uma dupla oposição: entre o mundo do (verdadeiro) trabalho assalariado dos «verdadeiros empregos» que **arranjamos** e o mundo do desemprego, dos biscates e de outros «falsos empregos» que **temos**. Mas há trabalho e trabalho. Ao seu trabalho mal pago, penoso, sem relação com a formação que fez e sem promoção possível, trabalho **não qualificado**, Sophie opõe a «situação» das suas irmãs que têm um **trabalho qualificado** porque ligado à sua formação «qualificante» (bac mais dois), num ambiente favorável e acedendo a uma carreira possível. As homologias estruturais entre os três níveis de análise são facilmente destacáveis se privilegiarmos a disjunção **arranjado/arranjar** verdadeiramente e se a compararmos à disjunção **vencer/falhar** profissionalmente (eu/o meu irmão e irmãs) e construir a sua casa/construir-se. Permite localizar as crenças essenciais do universo das narrativas de Sophie: eficácia da formação para o emprego, possibilidade de ter êxito na sua vida tendo um **emprego remunerado**, uma «situação» desde que se tenha **diplomas** e um bom ambiente, valorização da **promoção interna**, limitada mas efectiva. Todas estas crenças diferem profundamente das da narrativa de Luc valorizando a experiência, os ofícios, trabalhar por conta própria e os «negócios».

MUNDO Nº 2 MUNDO DO TRABALHO ASSALARIADO QUALIFICADO e NÃO QUALIFICADO

ACTIVIDADE // DESEMPREGO

TRABALHO VERDADEIRO = EMPREGO ASSALARIADO // FALSO TRABALHO = BISCATES

**TRABALHO QUALIFICADO //**  
**Interessante**  
**Relacionado com a formação**  
**Permitindo a promoção**

**TRABALHO não QUALIFICADO**  
**Desinteressante**  
**Sem relação com a formação**  
**Sem esperança de promoção**

**Em jeito de conclusão: Os dois últimos «mundos» emergindo da tipologia indutiva**

Para além destes dois esquemas típicos de narrativas estruturadas por dois discursos muito diferentes – o do ofício e o da independência (Luc), o da remuneração e da qualificação baseada no diploma (Sophie) – dois outros ressaltam da operação de agregação das entrevistas em unidades-núcleos (método de agrupamento):

- O mundo das FUNÇÕES, do sucesso económico e da utilidade social, centrado no RECONHECIMENTO e na MOBILIDADE entre empregos sempre mais valorizadores. Este mundo refere-se a jovens procedentes das camadas médias frequentemente em trajectórias de «contramobilidade social» (desqualificação em relação aos seus pais e depois correcção), e fortemente investidos na formação contínua;
- O mundo dos EMPREGOS unicamente motivados pelo salário e pela instalação na vida activa, mundo do TRABALHO INSTRUMENTAL, frequentemente justificado por um percurso de PRECARIDADE e de contratos a prazo (TUC, CES, empregos a tempo reduzido). A identidade não é justificada por este trabalho mas por outros traços ancorados no «extratrabalho» (papéis familiares, estatutos de dependência, pertenças culturais.)

Os dois últimos tipos de discursos assim destacados escapam aos mundos dos ofícios e da empresa. O primeiro supõe uma forma de AUTONOMIA que se adquire ao mesmo tempo graças a uma socialização familiar portadora de um capital cultural importante e graças a uma experiência escolar que desemboca numa relação positiva com os saberes profissionais. O segundo implica,

pelo contrário, uma forte DEPENDÊNCIA em relação às instituições ou a pessoas dotadas de poderes sobre os empregos («trabalho providencial») » Enraíza-se em desgraças, malogros, sofrimentos tanto familiares como escolares e pós-escolares (impossibilidade de se estabilizar num emprego)

O método que tem permitido libertar indutivamente estes quatro «mundos do trabalho» permite dar um conteúdo empírico à noção de construção de identidade profissional: trata-se de pôr em narrativa – implicando uma intriga – as experiências de procura de emprego, de prática do trabalho e de relação com a formação que conduzem à apropriação de um «mundo vivido» implicando uma definição de si. É esta que constitui a identidade profissional num dado momento, sempre susceptível de se alterar graças a experiências novas

*Contacto: Claude Dubar, [claudedubar@voila.fr](mailto:claudedubar@voila.fr)*